

da rebelião, clamaria: “Tudo nos vem de fora, e com tal extensão que nos afogamos; vêm de fora sapatos, cômodas, cadeiras, calças, jaquetas, &, &, &, de modo que, percorrendo-se a escala dos meios de vida, só fica ao brasileiro o mesquinho recurso dos empregos públicos, ou a áspera vida de soldado”. Loiola colocava-se, assim, na esquerda do movimento praieiro⁽¹⁰⁴⁾.

À esquerda pertenceria também *O Homem do Povo* que, a 27 de maio de 1847, espantava as autoridades com posições extremadas: “Quando o governo violenta os direitos do povo, a insurreição é para o povo, e para cada porção do povo, o mais sagrado dos direitos, o mais indispensável dos deveres”; ou: “Aqueles que usurpam a soberania devem ser mortos pelos homens livres”. A ela estava ainda ligado *O Proletário*, que pregava, a 18 de agosto de 1847: “As duas oligarquias, pois, não conseguirão arvorar o seu hediondo estandarte; e se o conseguirem, o que se duvida, os cadáveres do *Proletário* e dos cidadãos livres servirão de base a esse monumento do crime — *é melhor morrer do que ser escravo* — essa é a divisa do pernambucano livre”. Estava na esquerda *O Cometa*, editado por frei João Capistrano de Mendonça e que circulou de 19 de maio de 1843 a 15 de janeiro de 1846. Esperava estender sua influência “até os mais remotos cantos desta província, preparando e predispondo os ânimos, já bastante desenvolvidos, para a revolução que nos espera”, conforme declarava em sua edição inicial. Desaparecido *O Cometa*, frei João Capistrano de Mendonça fez circular a folha *Um dos Cinco Mil*, de posição já menos extremada. O frade atraiu as iras conservadoras, aparecendo o revide em curioso panfleto, *A Capistranada*, em que se acusava os praieiros de ateus e socialistas. Socialista proclamava-se, realmente, Abreu e Lima, pela *A Barca de São Pedro*, que redigia sozinho. Em sua edição de 11 de julho de 1848, tomava tal posição, claramente: “Desejamos uma revolução ou, melhor dito, aceitaremos uma revolução, porque ela é hoje sedição militar, venha ela donde vier. Desejamos uma completa reorganização do país debaixo dos princípios que temos estabelecido neste periódico”. À esquerda pertenceriam, entre outros, pasquins como *O Azorrague*, de 1845, atribuído a frei João Capistrano de Mendonça; a já citada *A Ratoeira*, de 1847 e uma só edição, do padre Lopes Gama; a *Folhinha de Algibeira*, de 1844, muito preocupada com a nacionalização do comércio.

Mas havia também, na imprensa liberal pernambucana, órgãos de uma

(104) “A ala esquerda, bem organizada no grupo secreto dos *cinco mil* e formada com as classes e os setores da população que seguiam a reboque da burguesia, operários, artesãos, camponeses pobres — os *esfarrapados* e os *molambos*, como os classificava a imprensa dos latifundiários — tinham como porta-voz o jornalista Inácio Bento de Loiola, redator de *A Voz do Brasil*”. (Edison Carneiro: *A Insurreição Praieira*, Rio, 1960, pág. 24).